

## Estudo comparativo de dois glossários em traduções francesas de Vidas Secas e Grande Sertão: Veredas / *Comparative study of two glossaries in French translations of Vidas Secas and Grande Sertão: Veredas*

*Alice Soldan Rezende\**

Graduada em Letras - Inglês pela Université Toulouse II Jean Jaurès (França). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), graças a auxílio de bolsa CAPES Proex. Pesquisa traduções de livros de Jorge Amado, dentro dos contextos anglófono e francófono.

 <https://orcid.org/0000-0003-3504-6781>

*Kamila Moreira de Oliveira de Lima\*\**

Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC). Mestre em Estudos da Tradução (POET/UFC). Pesquisa a internacionalização da literatura brasileira, com foco nos Estudos Rosianos.

 <https://orcid.org/0000-0003-4377-2249>

*João Gabriel Carvalho Marcelino\*\*\**

Doutorando em Estudos da Tradução (PPGET/UFSC), Mestre em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG). Realiza pesquisas no campo dos Estudos da Tradução, com foco em Tradução Literária, Tradução Interlingual no par Português – Inglês, Tradução e ferramentas computacionais. Atualmente, está realizando pesquisa de doutorado sobre a tradução de elementos do sertão nordestino de Vidas Secas para a língua inglesa.

 <https://orcid.org/0000-0001-6528-0208>

**Recebido** em: 30 ago. 2023. **Aprovado** em: 10 jan. 2024.

**Como citar este artigo:**

\*

 [alice.soldan@hotmail.com](mailto:alice.soldan@hotmail.com)

\*\*

 [kamilamdeoliveira@gmail.com](mailto:kamilamdeoliveira@gmail.com)

\*\*\*

 [joaogabrielcarvalho@hotmail.com](mailto:joaogabrielcarvalho@hotmail.com)

REZENDE, Alice Soldan; LIMA, Kamila Moreira de Oliveira; MARCELINO, João Gabriel Carvalho. Estudo comparativo de dois glossários em traduções francesas de *Vidas Secas* e *Grande Sertão: Veredas*. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 13, n. 1, p. e1019, mar. 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10729950>.

## RESUMO

Nosso estudo busca investigar um item que vem há pouco ganhando interesse no campo dos Estudos da Tradução: o glossário. Embora possa encaixar-se na categoria mais ampla dos “paratextos” (GENETTE, 2009), o glossário possui algumas características próprias. Quando investigado em traduções, sua extensão e profundidade podem nos ajudar a analisar escolhas de tradutores/as e editores/as envolvidos no processo de publicação do livro. Propomos, assim, um breve estudo comparativo de glossários em duas traduções francesas de livros brasileiros. As traduções foram lançadas com duas décadas de distância, por editoras com diferentes públicos-alvo e abrangências comerciais. Para facilitar a comparação, escolhemos obras que tratam de uma mesma sub-região: o sertão brasileiro – ou melhor, os sertões mineiro e alagoano – sendo estas obras: *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Buscamos, sobretudo, estudar escolhas dos tradutores Mathieu Dosse em *Vies Arides* (2014), e Maryvonne Lapouge-Pettorelli em *Diadorim* (1991), e de seus editores/as, concernindo a elaboração dos glossários. Como resultado, este estudo nos permitiu reconhecer redes de interações linguísticas, culturais e humanas que conectam os e as agentes envolvidos/as pelos originais e suas traduções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paratextos em tradução; Glossário; Literatura brasileira traduzida.

## ABSTRACT

*In this article, we seek to investigate an emerging field of interest in Translation Studies: the glossary. Although glossaries may be placed in the wider category of “paratext” (GENETTE, 2009), they also have unique features. When studied in translations, their size and depth may help us analyse choices made by the translator and publishing company. This paper proposes a brief comparative study of glossaries in two French translations of Brazilian books, published two decades apart and by publishing houses of different readerships and commercial scopes. To allow better comparison, we chose works that revolve around one region: the Brazilian Sertão – more specifically, Minas Gerais’ and Alagoas’ backlands. The texts are *Vidas Secas* (1938), written by Graciliano Ramos and *Grande Sertão: Veredas* (1956), by Guimaraes Rosa. We aim to analyse choices made by translators Mathieu Dosse in *Vies Arides* (2014), and Maryvonne Lapouge-Pettorelli in *Diadorim* (1991) and their editors, when elaborating these glossaries. As a result, this study allowed us to acknowledge linguistic, cultural and human networks which connect agents involved by the originals and their translations.*

**KEYWORDS:** Glossary; Paratext; Translated Brazilian Literature.

## 1 Introdução

Em meio aos estudos de traduções de obras de literatura brasileira, este trabalho orienta-se para refletir sobre a construção de peritextos<sup>1</sup> explicativos presentes nas obras *Vidas Secas* e *Grande Sertão: Veredas*. Considerando que o Sertão é uma “sub-região” brasileira, as traduções de obras cujos enredos se passam neste contexto constantemente lidam com elementos sociais, culturais e

---

<sup>1</sup> Peritextos, segundo Genette (2009), correspondem às mensagens transpostas no mesmo espaço do volume do texto ou em seus interstícios, como títulos de capítulos, notas ou outros peritextos editoriais.

linguísticos, que podem causar estranhamento a leitores/as de outras línguas. O mesmo se passa com leitores/as de outras regiões e sub-regiões – ainda que sua “língua” seja a mesma, o “português brasileiro”. Desse modo, é recorrente a presença de glossários e notas explicativas em edições em português, buscando mediar a relação entre leitor/a e obra.

Visando refletir sobre o tratamento dado nas traduções estudadas para elementos particulares ao contexto sertanejo, utiliza-se como *corpus* os glossários que acompanham as obras: *Diadorim* (1991), tradução francesa de *Grande Sertão: Veredas* (1956) de Guimarães Rosa, por Maryvonne Lapouge-Pettorelli; e *Vies Árides* (2014), tradução francesa de *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, por Mathieu Dosse. Os glossários parecem ter sido utilizados para explicar, dentro da tradução em língua francesa, o significado de palavras e expressões (ou elementos lexicais) que aparecem em português brasileiro. Esses elementos envolvem particularidades do ambiente, da cultura e da língua em questão.

A fundamentação deste artigo foi construída a partir da obra *Paratextos editoriais* (2009)<sup>2</sup>, de Gérard Genette, referência para os estudos de paratextos, peritextos e epitextos. Além desta, utilizamos as pesquisas de Sträter (2019) e Guerini e Manzato (2020) sobre os glossários; de Berman (2013) e Venuti (2021) acerca da tradução e suas implicações éticas e culturais; de Humboldt (2010) sobre características das línguas e da linguagem, entre outros autores cujas reflexões se aproximam da discussão provocada. Propomos um breve estudo comparativo, na tentativa de analisar escolhas dos tradutores/as e de seus editores/as ao elaborarem os seus glossários.

## 2 Paratexto, epitexto e glossário

A reflexão proposta neste trabalho torna necessária uma discussão sobre elementos textuais que acompanham o texto em seu espaço de publicação: prefácio, posfácio, notas editoriais e notas de tradução, glossários. É possível refletir sobre suas funções no contexto de chegada.

Genette (2009) aponta que esses elementos cercam e prolongam o texto para torná-lo presente, impactando assim na sua recepção. A presença dos textos de acompanhamento pode

---

<sup>2</sup> Tradução de Álvaro Faleiros.

contextualizar um texto estrangeiro (ou de um determinado grupo social distinto) em um novo contexto, ou posicionar o autor em um determinado período histórico, explicitar termos e expressões oriundas de uma língua num tempo e espaço específicos, entre outras possibilidades que buscam auxiliar o leitor ou leitora a conectar-se à obra apresentada.

Esses textos podem surgir em diferentes formatos, tendo em vista que os caminhos e os meios em que os paratextos apresentam-se são variados e estão em constante mudança (GENETTE, 2009). Os formatos assumidos pelos paratextos configuram-se de acordo com a necessidade do texto em torno do qual orbitam, e podem alinhar-se com a divulgação da obra (em sinopse, ilustração, capa, campanhas de divulgação), a recepção (recortes de comentários críticos, posições em listas de vendas) ou a produção (glossários, notas explicativas, mapas), bem como a apresentação do texto para o leitor (através do título e subtítulos).

Desse modo, Genette (2009) caracterizou a existência do “paratexto” como a soma de “peritexto” e “epitexto”. O peritexto corresponderia às ocorrências textuais que estão inseridas nos interstícios da obra (da capa a contracapa). O epitexto corresponde aos textos, em sentido amplo, externos ao livro (entrevistas, cartas, campanhas de divulgação, debates e críticas, por exemplo).

Os peritextos podem influenciar a compreensão do texto “principal”, uma vez que a interpretação do leitor ou da leitora não depende apenas da “estrutura textual central”, mas também dos “aspectos do entorno” (FONSECA, 2017). O desenvolvimento de elementos peritextuais pode ter como objetivo facilitar a leitura e a compreensão de uma obra, tendo em vista que os textos são elaborados em condições particulares de espaço, língua e tempo.

Assim, enquanto “peritextos”, as notas explicativas e glossários podem ser elaborados visando influenciar a compreensão da obra. Assunção (2015) descreve os glossários como vocabulários de um autor, escola, especialidade ou época – o que evidencia sua natureza *explanatória*. Paradoxalmente ou não, a presença de um glossário no texto possibilita a consulta a uma definição para um termo que é, então, demarcado como envolto em uma “opacidade” de significado.

Buscando elucidar o que é julgado opaco no texto, o glossário pode explicar um termo ou expressão, um uso da língua ou, até mesmo, um neologismo característico do estilo do autor. Assunção (2015) mostra que esse tipo de paratexto não está limitado à decodificação estática das

peculiaridades de uma língua: ele permite que editores/as, leitores/as e tradutores/as, participando ativamente da decodificação, compartilhem suas interpretações do texto e contribuam, assim, para aspectos vivos das línguas e das culturas envolvidas pela tradução.

Nesse sentido, o estudo de glossários pode ser interessante para o campo dos Estudos da Tradução, tendo em vista o que Aixelá (2013) define como a “especificidade cultural” dos textos e das situações de comunicação envolvidas. As especificidades culturais oriundas do contexto de partida colocam o tradutor num jogo de forças em que realiza escolhas, como a de trazer o texto à língua e contexto de chegada, adaptando o texto como se houvesse sido escrito nessa língua e contexto; ou a de evidenciar essas diferenças, mesmo que isso possa causar estranhamento para o leitor ou leitora no contexto de chegada, apresentando uma obra, como descreveram Venuti (2019; 2021), Zare-Behtash e Firoozkoochi (2009), “estrangeirizada”. Ainda que pareça uma dualidade de oposição, um tradutor ou tradutora pode transitar entre essas tendências ao longo da tradução, sendo, aparentemente, estratégias para lidar com palavras encontradas no texto.

Desse modo, os glossários refletem estratégias de tradutores/as ao lidarem com elementos que costumam ser considerados como “problemáticos” para a tradução: escolhas que podem, por exemplo, refletir tendências em “domesticar” ou “estrangeirizar” o texto, ou uma via híbrida entre essas opções. Poderíamos pensar, de acordo com Venuti (2021), que uma estratégia “domesticadora” excluiria o interesse por glossários em relação a outra, “estrangeirizante”. Ao olharmos de perto os glossários em questão, no entanto, percebemos uma realidade diferente.

### 3 Paratextos na tradução

#### 3.1 Relações entre paratexto e tradução

O estudo de paratextos é uma desembocadura recente no rio dos Estudos da Tradução. Na França, o tema atraiu o interesse de pesquisadores como Hersant, Letawe e Lévy (2018), e no Brasil, os de Carneiro (2015) e Torres (2011). Em artigos, dissertações e teses em Estudos da Tradução, lê-

se cada vez mais citações de Genette<sup>3</sup>. Sua principal obra referida é *Paratextos Editoriais* (2009), publicada originalmente na França em 1987 como *Seuils*. Talvez essa tendência se explique por um fato: as tipologias de paratextos que Genette propõe em seu livro não são herméticas, mas abertas para a consideração de casos ambíguos, fronteirços (GENETTE, 2009). O termo “limiães” seria, aliás, uma possível tradução do título de sua obra para o português.

Zonas de intermediação e incerteza são também os locais onde acontece a tradução. Em sentido mais estrito, essa atividade se situa na fronteira entre as línguas, e revela constantes paradoxos: a intraduzibilidade das palavras (HUMBOLDT, 2010), a impossibilidade de separação entre sua “letra” e seu “sentido” (BERMAN, 2013). Frequentemente considerados, sobretudo no mundo Ocidental, como “problemas”, esses paradoxos não impossibilitam a tradução. Eles permitem, ao contrário, que ela se desenvolva, aumentando assim a “capacidade expressiva” das línguas (HUMBOLDT, 2010, p. 109).

Assim, no número 31 da revista francesa *Palimpsestes*, dedicado a estudar paratextos em tradução, Hersant (2018), Letawe (2018) e Albaric-Lévy (2018) mostraram que a relação do tradutor ou da tradutora com sua tradução se revela, nos paratextos da obra, bastante ambígua. É algo entre uma autoria e uma apresentação da obra de outro... de onde o tom híbrido desse gênero textual, ao mesmo tempo didático e *criativo*. Surge então a questão sobre como poderíamos, segundo as diversas categorias propostas por Genette, classificar o discurso do tradutor ou tradutora nos paratextos: como “alógrafo” ou “autoral” (LETAWE, 2018)?

Os estudos de Genette nos mostram, aliás, que a definição de paratexto é questionável: onde termina o texto e começa o paratexto? As notas explicativas, prefácios e glossários do tradutor ou tradutora acompanham o “discurso central” sem com ele se identificar totalmente. Trata-se assim de um discurso sobre um discurso, uma “metalinguagem” (GENETTE, 2009) que parece, ao mesmo tempo, estender, especificar e *aprofundar* os discursos a que remete. No capítulo “prefácios ficcionais”, Genette (2009, p. 256-257) explica que o paratexto pode propiciar uma “autorrepresentação em

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, no catálogo de teses e dissertações de alunos egressos da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>.

espelho”, um “efeito-tela” que chama a atenção para o ato da *escrita*. Escrita essa que pode ser tanto a do autor/a, como a do tradutor/a e até mesmo, a nossa – a do leitor ou leitora.

Segundo Guerini e Manzato (2020), era uma proposta de Genette considerar a tradução como um caso de paratexto. Gilmore (2018), por sua vez, propõe que consideremos o original como um paratexto da tradução. Falar de paratextos em tradução é, portanto, um assunto bastante delicado.

### 3.2 O glossário na área dos Estudos da Tradução

O glossário é um tema ainda relativamente pouco explorado nos Estudos da Tradução, onde assume uma “existência periférica e escassa” (STRÄTER, 2019, p. 4). Geralmente, é analisado no quadro mais amplo de “paratexto”, “metatexto” ou “notas do tradutor/editor”, e suas especificidades são deixadas de lado. Guerini e Manzato (2020) mostram que o glossário é mencionado poucas vezes na enciclopédia mais famosa dos Estudos da Tradução no mundo ocidental, a *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2020). A obra menciona esse gênero textual sem muita demora, limitando sua presença ao universo qualificado como o das “traduções técnicas”.

Além disso, quando investigamos este tema dentro da área de Estudos da Tradução, nos deparamos com aspectos que pertencem ao domínio próprio das relações entre línguas e culturas. Nos termos de Guerini e Manzato (2020, p. 88), o glossário é um “poderoso espaço de negociação e criação de sentidos”. A partir do momento em que contribui para a “construção da imagem de uma dada cultura” (GUERINI; MANZATO, 2020, p. 92), ele passa a envolver questões éticas, políticas e humanas. Assim, ambas as pesquisas de Sträter (2019) e de Guerini e Manzato (2020) a que remetemos nesse artigo, as poucas que conseguimos encontrar sobre o assunto específico dos glossários em tradução, evidenciaram a existência de um contexto de redes humanas que permite a elaboração de glossários em obras traduzidas<sup>4</sup>.

### 3.3 Glossários em traduções

---

<sup>4</sup> Talvez isto possa se explicar de um lado por uma falta de divulgação de pesquisas sobre o assunto, feitas originalmente em outras línguas que o inglês e o português, e de outro, pela necessidade de uma procura mais aprofundada de nossa parte.

Adaptando a teoria de Genette para o campo dos Estudos da Tradução, Batchelor (*apud* GUERINI; MANZATO, 2020, p. 90) atribuiu aos “paratextos” as seguintes funções: “1. Carregar comentários sobre o texto; 2. Apresentá-lo ao público-leitor; 3. Influenciar sua recepção no público-alvo”. Dentro do universo dos paratextos, os glossários podem, como vimos na Introdução, ser definidos como minidicionários ou mini léxicos. Eles contêm explicações sobre o “sentido” de palavras e expressões da obra, que não se encontrariam, segundo os e as profissionais envolvidos/as nos processos de tradução e edição, no senso comum ou nos dicionários do público-leitor – ou que se encontrariam ali de uma forma percebida como insatisfatória.

Buscando alimentar os Estudos da Tradução com pesquisas já feitas sobre glossários, Sträter (2019, p. 3-4), caracterizou sua elaboração como uma das “três estratégias metatextuais” que o tradutor pode empreender para enfrentar o paradoxo da intraduzibilidade das palavras. As outras duas seriam: descrições dentro do texto (perífrases e circunlóquios) e notas de rodapé. Sträter define o glossário como um:

[...] reduzido dicionário básico ou [uma] lista de vocabulário ordenado alfabeticamente (ou de acordo com as páginas em que aparece a expressão em questão), que explica termos e palavras completamente desconhecidas ou pouco comuns ou com alguma *especificidade*. (STRÄTER, 2019, p. 7, grifo nosso).

Muitas vezes, glossários surgem porque o/a editor/a, ou então, o/a tradutor/a considera que as definições dos dicionários, quando existentes, “isolam” a palavra de seu contexto na obra original, não permitindo, dessa perspectiva, trazer o leque de significados que o/a profissional ali identificava.

Medeiros (2014, p. 145) lembra que “[...] o glossário para o livro de literatura elaborado pelo escritor se faz na relação com o dicionário: se não existe, é preciso, então, criar, ou [se existe] indicar sua existência, ou ainda dar à palavra outros sentidos”. Na construção de definições, o leitor ou leitora profissional, tradutor/a ou editor/a, não somente interpreta o texto – um processo em si já composto de escolhas, a que Gadamer (2010) se referia como “clarificação enfática” – como também toma decisões práticas. Talvez seja essa uma grande riqueza do gênero para os estudos literários e de tradução: o glossário é uma porta aberta para pesquisas sobre possíveis leituras que esses e essas



profissionais realizaram do texto original, e sobre escolhas que tomaram, a partir das quais descobrimos contextos editoriais, comerciais, políticos e humanos.

A pesquisa de Sträter (2019) a respeito de glossários de literatura brasileira traduzida para o alemão define os dois seguintes tipos:

- primeiro, o glossário cuja tradução, na maioria dos casos, motivada e/ou encomendada, pode ter como resultado uma abordagem rudimentar com explicações de poucas ou raras palavras; e,
- segundo, aquele cuja tradução filológica se caracteriza por ser mais extensa nas suas notas, comentários e glossários, mais pormenorizada nas explicações, [e que] consegue emoldurar o verbete num contexto mais complexo. (STRÄTER, 2019, p. 14).

Sträter (2019) define dois fatores principais que podem determinar o tipo ao qual pertencerá o glossário: o primeiro é a editora e sua relação com o/a tradutor/a. Os objetivos da editora definem, por exemplo, o número de páginas que terá o livro – quanto maior esse número, maior seu preço no mercado –, se será prefaciado ou não, se receberá “paratextos” e por quem estes serão redigidos. O tradutor pode, nesse momento, convencer ou não a editora acerca da necessidade de um glossário.

Trata-se, por exemplo, de uma editora acadêmica, voltada para leitores com interesses acadêmicos, ou ainda, de uma editora grande e comercial que busca atingir um público amplo? A partir de exemplos de glossários de dois tradutores de literatura brasileira para o alemão (Bertold Zilly e Karin von Schweder-Schreiner), Sträter (2019) mostra que a extensão e, por consequência, a profundidade de detalhes no glossário poderiam depender das respostas a essas perguntas.

O segundo fator seria a bagagem do tradutor ou tradutora, que envolve seu conhecimento das línguas da tradução, das referências vivas destas e seus modos de conceitualização do mundo. A bagagem contém também uma certa prática ou “método” de tradução, que o tradutor pode ter adquirido com estudos acadêmicos ou por autodidatismo (STRÄTER, 2019). Como explica Torres (2021, p. 192) a respeito do método crítico de Berman, a viagem da tradução envolve o “horizonte” e o “projeto” do tradutor. Enfim, como explica o próprio Berman (2013, p. 22), necessita uma “reflexão” a respeito da atividade tradutória – seja ela baseada em teorias, derivada da prática, ou de uma mistura dos dois.

## 4 Discutindo paratextos sobre os sertões

### 4.1 As editoras envolvidas

A tradução de *Vidas Secas* por Mathieu Dosse, *Vies Arides* (2014), foi lançada pela Éditions Chandeigne. Fundada de forma independente em 1992 pela tradutora Anne Lima e pelo historiador Michel Chandeigne, começou com a publicação de relatos de viagens de grandes navegadores, visando principalmente a um público especializado (cartógrafos, geógrafos e historiadores). O website da editora explica: “Em paralelo, mas sempre com o mesmo empenho tipográfico e iconográfico, as edições Chandeigne publicaram obras mais centradas nas culturas e nas literaturas lusófonas” (CHANDEIGNE, 2021, tradução nossa)<sup>5</sup>. Com o passar do tempo, vieram a publicar também ensaios, poemas e livros de mesa com ilustrações, alargando seu leitorado para um público jovem.

A editora Albin Michel, responsável pela publicação de *Diadorim*, foi fundada em 1902 e hoje pertence ao quarto maior grupo editorial da França. Tem uma dezena de livrarias próprias espalhadas pelo país, o que lhe permite conservar uma certa autonomia nesse mercado<sup>6</sup>. Foi envolvida em polêmicas em 2016 (FAYE; BEUVE-MÉRY, 2016) e 2021 (GARY, 2021), concernentes a suas relações com o editorialista e homem político de extrema-direita, Éric Zemmour. A tradução de *Grande Sertão: Veredas* por Maryvonne Lapouge-Pettorelli em 1991 foi lançada em sua coleção de “romances estrangeiros”.

### 4.2 Grande Sertão: Veredas

Guimarães Rosa começa a ser traduzido na França no início dos anos 1960, pela editora Seuil. Em 1965, é publicada a primeira tradução francesa de *Grande Sertão: Veredas* (1956), intitulada *Diadorim*, realizada por Jean-Jacques Villard<sup>7</sup>. Esta tradução parece, à primeira vista, evidenciar um

---

<sup>5</sup> « En parallèle, mais toujours avec le même souci de travail typographique et iconographique, les éditions Chandeigne ont publié des ouvrages plus centrés sur les cultures et les littératures lusophones. » (CHANDEIGNE, 2021).

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.albin-michel.fr/>

<sup>7</sup> Achamos necessário acrescentar a referência à tradução de Villard, uma vez que a tradução de Lapouge-Pettorelli é uma retradução.

projeto tradutório reconhecido desde o século do Classicismo Francês (XVII): adaptar o texto ao universo francês, para que fossem mantidas as normas gramaticais e referências de sua língua (BERMAN, 2013; SCHLEIERMACHER, 2010).

Como colocam Torres e Freitas (2020, p. 70, tradução nossa, grifos nossos):

Estas traduções refletem, diferentemente dos projetos sobre a língua dos autores brasileiros em seus textos, uma naturalização efetiva da língua-cultura brasileira que a *transgressão criativa* da língua não atravessa – em favor de uma *rigidez* da língua francesa.<sup>8</sup>

Além desta “normalização”, em seu projeto tradutório Villard havia optado por não adicionar glossários em nenhuma de suas traduções de obras de Rosa. No caso de *Diadorim* (1965), o paratexto que acompanha a tradução é uma nota do tradutor, na qual Villard “se preocupa em apresentar Riobaldo, sua personalidade, seus dilemas e sua linguagem aos leitores, e não em justificar escolhas tradutórias” (AGUIAR, 2010, p. 176).

*Grande Sertão: Veredas* seria retraduzido na França em 1991 por Maryvonne Lapouge-Pettorelli e publicado novamente pela Albin Michel, mantendo o título *Diadorim*, em comemoração aos 15 anos da coleção *Domaine Étranger* da editora (AGUIAR, 2010). Já demonstrando uma nova postura em relação aos paratextos, esta tradução conta com um prefácio de Mario Varga Llosa; um *avant-propos* sobre as paisagens mencionadas no livro (extraído de uma carta de Rosa ao tradutor italiano, Edoardo Bizzari); uma nota da tradutora no início, para explicar o significado de “vereda” e indicar ao leitor o glossário ao final do livro; uma segunda nota da tradutora ao final, com uma curta biografia de Luís Carlos Prestes; e, finalmente, um glossário composto de quinze termos, principalmente relacionados à flora, fauna e alimentos próprios do sertão de Minas Gerais.

Os termos presentes no glossário não são grafados em itálico na tradução. Embora não haja alguma marca tipográfica que os destaque como estrangeiros, eles podem se destacar por aparecerem em português brasileiro e, possivelmente, por causarem *estranhamento* ao leitor. Como veremos mais adiante nos itens do glossário de *Vidas Secas*, “termos culturalmente marcados”

---

<sup>8</sup> “These translations reflect, unlike the projects on the language of Brazilian authors in their texts, an effective naturalization of the Brazilian language-culture that the creative transgression of language does not penetrate, in favor of the rigidity of the French language.” (TORRES; FREITAS, 2020, p. 70).

(AIXELÁ, 2013) como *cachaça*, *conto de reis* e *sertão* são descritos de forma similar em ambos os glossários:

*Cachaça* : eau-de-vie de canne. [...]

*Conto de reis* : de *reis*, pluriel de *real*, l'ancienne monnaie portugaise et brésilienne.

*Conto de reis* : mille reis. [...]

*Sertão* : désigne, au sens large, ce qu'on entend par arrière-pays. Dans un sens plus étroit, celui qui prévaut ici, *sertão* [sic] s'applique généralement aux régions semi-arides de l'intérieur du Brésil, à population clairsemée, inexistante parfois, où prévaut l'élevage du bétail. Pluriel : *sertões*<sup>9</sup>. (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 627-628).

*Arrière-pays* é um empréstimo do alemão *hinterland*, vocábulo também utilizado em inglês para se referir à parte menos urbanizada de um país, também usado como sinônimo de *sertão* ou interior. Uma tradução para o inglês de 1963 apresenta a palavra em português em algumas ocorrências, mas de modo geral utiliza o termo *backlands* (*Sertão*).

Em relação à flora e à fauna, Lapouge-Pettorelli explica em sua primeira nota que procurou seguir as indicações de Rosa ao primeiro tradutor francês e italiano, justificando que em alguns casos, como o próprio autor sugeria, a sonoridade teria prioridade sobre a equivalência perfeita da palavra. Os poucos termos explicados no glossário fazem referência a aspectos culturais, como o fato de a carnaúba também ser usada como cera e verniz, ou históricos, como o fato de a anta ter sido usada como símbolo do movimento integralista no Brasil:

*Anta* : mammifère (*tapirus terrestris*) de couleur grise, pouvant atteindre jusqu'à deux mètres de longueur et un mètre de hauteur, quatre doigts aux pattes antérieures, trois doigts aux pattes postérieures ; se distribue dans la partie centrale de l'Amérique du Sud, depuis la Colombie jusqu'au nord de l'Argentine. Animal totem des « Chemises vertes », l'équivalent des Chemises brunes de Mussolini, dont le nom reste attaché à la première dictature Vargas (1937-1945).<sup>10</sup> (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 627).

<sup>9</sup> “*Cachaça*: aguardente de cana. [...]

*Conto de reis*: de réis, plural de *real*, a antiga moeda portuguesa e brasileira. *Conto de reis*: mil réis. [...]

*Sertão*: em um sentido amplo, refere-se ao interior. Em um sentido mais restrito, como o usado aqui, *sertão* [sic] geralmente se aplica às regiões semiáridas do interior do Brasil, pouco povoadas, às vezes inabitadas, onde predomina a criação de gado. Plural: *sertões*.” (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 627-628, tradução nossa).

<sup>10</sup> “*Anta*: mamífero cinza (*tapirus terrestris*), com até dois metros de comprimento e um metro de altura, quatro dedos nas patas dianteiras e três dedos nas patas traseiras; encontrado na região central da América do Sul, desde a Colômbia até

Além do sertão, as definições de *cerrado*, *chapada* e *Gerais* descrevem parte da geografia do Brasil.

*Cerrado*: végétation d'arbustes et d'arbres de petite taille, robustes, rabougris, recouvrant à l'occasion un tapis d'herbe rase, ce qui distingue le cerrado du maquis. Brasília a été gagnée sur des étendues de cerrados.

*Chapada* : replat, plan, plate-forme ; plateau, « étendue surélevée dominant les environs ». *Chapadão* (traduit dans le texte assez incorrectement par « haut-plateau ») désigne, nous dit Guimarães Rosa, « une grande chapada ou une suite de chapadas ».

[...]

*Gerais* : gerais (terres-générales) désigne globalement les terres de l'intérieur du Nordeste brésilien et du planalto (plateau) central. Comparée à *sertão*, gerais a un sens plus topographique, mais les deux expressions peuvent se recouvrir : mêmes zones immenses de pâtures, ou presque désertiques ; même population rare, éparse, « flagellée » par l'âpreté des lieux et le climat progressivement continental.<sup>11</sup> (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 627-628).

De uma maneira ao mesmo tempo diferente e semelhante à tradução anterior, o foco do paratexto de *Diadorim* (1991) na cultura e história brasileira parece situar o enredo em um *espaço próprio*, ao mesmo tempo em que chama atenção para a obra enquanto parte da literatura brasileira. Enquanto segue um projeto “normalizador” em relação a escolhas como a sonoridade das palavras, Lapouge-Pettorelli se aproxima também de uma “estrangeirização” ao manter, diferentemente de Villard, termos em português brasileiro no texto francês.

De acordo com Aguiar (2010), a esta altura Rosa já não era um desconhecido para muitos leitores/as franceses, especialmente para a crítica acadêmica especializada, que o associava ao

---

o norte da Argentina. Animal símbolo dos 'Camisas Verdes', equivalentes aos Camisas Negras de Mussolini, cujo nome permanece associado à primeira ditadura de Vargas (1937-1945)." (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 627, tradução nossa).

<sup>11</sup> “*Cerrado*: vegetação de arbustos e árvores de pequeno porte, robustos e rasteiros, ocasionalmente cobertos por um tapete de grama curta, o que distingue o cerrado do maquis. Brasília foi construída em trechos de cerrado.

*Chapada*: plana, nivelada, plataforma; platô, "área elevada com vista para a área circundante". *Chapadão* (traduzido no texto como 'planalto' ['haut-plateau']) refere-se, de acordo com Guimarães Rosa, a 'uma grande chapada ou uma série de chapadas'. [...]

*Gerais*: gerais (terras gerais) refere-se às terras do interior do Nordeste brasileiro e do planalto central. Em comparação com *sertão*, gerais tem um significado mais topográfico, mas as duas expressões podem ser usadas indistintamente: as mesmas imensas áreas de pastagem, ou quase deserto; a mesma população esparsa, 'castigada' pela severidade do lugar e pelo clima progressivamente continental." (LAPOUGE-PETTORELLI, 1991, p. 627-628, tradução nossa).

movimento “modernista” e “regionalista”. Em respeito ao acesso a artigos e críticas sobre as obras de Rosa traduzidas para o francês, Aguiar comenta que:

O conhecimento desses documentos, hoje mais facilmente acessíveis, ao mesmo tempo que permite o reconhecimento de sua escrita, oferece também uma grade de leitura já pronta para a sua obra, o que, de certo modo, pode ser um obstáculo para leituras *mais aprofundadas* ou *mais originais* de seus livros, em que houvesse espaço para o *estranhamento* e, até, para a rejeição [...]. (AGUIAR, 2010, p. 170, grifos nossos).

Para fins de comparação, a única tradução estadunidense, da mesma época que a primeira tradução francesa, também situa o enredo nas *backlands*, adaptando o texto para o que ficou conhecido nas análises sobre a tradução como uma espécie de faroeste, possivelmente tendo como um objetivo, não necessariamente atingido, de uma melhor aceitação do público leitor de língua inglesa<sup>12</sup> (PISETTA, 2020). O texto em francês também reflete o sertão de Rosa como algo aparentemente “universal” ou, ao menos, palatável para muitos leitores/as de língua francesa, reflexão que não ameaça a “identidade” do texto. Isto se evidencia nas escolhas do paratexto da obra, que seriam, se considerássemos as categorizações de Venuti (2021), ao mesmo tempo, “domesticadoras” e “estrangeirizantes”.

#### 4.3 O Glossário da Caatinga em *Vies Arides*

Observando a presença dos “peritextos” na tradução francesa de *Vidas Secas* (1938), elaborada por Mathieu Dosse e apresentada com o título *Vies Arides* (2014), encontramos um glossário para explicar termos que surgem em português brasileiro na tradução. Há termos nessa língua que, diferentemente de *Diadorim*, foram colocados em itálico no corpo do texto principal, demarcando assim sua natureza particular em relação ao restante do texto. A diferença visual remete à apresentação dos termos no glossário, também em itálico.

---

<sup>12</sup> Vale lembrar, também, que a tradução de James L. Taylor e Harriet de Onís, além de passar por diversos percalços antes da publicação, também foi realizada em um momento em que, nos meios acadêmicos estadunidenses, se publicava muito menos sobre o Brasil do que nas traduções posteriores (Cf. PISETTA, 2020).

No texto de *Vies Arides* há uma tendência a trazer termos e expressões da língua de partida, no texto majoritariamente escrito na língua de chegada. A resolução para o problema da “opacidade” dos “itens específicos da cultura de partida” (AIXELÁ, 2013) poderia se encontrar na apresentação do glossário, que busca expor o “significado” e a “origem” dos termos conservados.

Observa-se, a seguir, a descrição dos itens *cachaça*, *réis* e *sertão*:

*Cachaça*: eau-de-vie de canne à sucre. [...]

*Reis*: ancienne unité monétaire brésilienne.

*Sertão*: zone semi-aride du Nordeste du Brésil; ce mot signifie étymologiquement « l'arrière-pays ». Le sertão est souvent assimilé à un endroit demeuré sauvage, éloigné des centres urbains.<sup>13</sup> (DOSSE, 2014, p. 159-161).

Os termos *cachaça*, *réis* e *sertão* poderiam ser considerados como itens de “especificidade cultural”, elementos “particulares” ao contexto de partida. A escolha de trazer os termos em português brasileiro e explaná-los pode ter como um objetivo de considerar a cultura do texto fonte, apresentando referências transnacionais (AIXELÁ, 2013). Isso se revela na especificidade de *cachaça* (destilado de cana de açúcar) em relação à abrangência de *eau-de-vie* (*brandy* de frutas); bem como a moeda corrente na narrativa (os Réis perduraram da colonização até 1942<sup>14</sup>) e o Sertão, sub-região nordestina que abrange estados como Alagoas e possui o bioma caatinga<sup>15</sup>. Essas referências não só constituem a caracterização do contexto de partida da narrativa, como fazem parte da identidade nacional, regional, cultural e humana à qual *Vidas Secas* está associada.

Essa “identidade” cultural sertaneja surge, também, no bioma principal da narrativa, a caatinga<sup>16</sup>. É um bioma brasileiro que constitui, na sub-região do sertão, uma rede de significados particulares. Essa rede pode ser observada a partir da sua etimologia, assim como no nome vernacular da “Catingueira”:

---

<sup>13</sup> “*Cachaça*: aguardente de cana-de-açúcar. [...]”

*Reis*: antiga unidade monetária brasileira.

*Sertão*: área semiárida do nordeste brasileiro, que etimologicamente significa ‘sertão’. O sertão é frequentemente equiparado a um lugar que permaneceu selvagem, longe dos centros urbanos.” (DOSSE, 2014, p. 159-161, tradução nossa).

<sup>14</sup> Cf. Banco Central do Brasil (2007).

<sup>15</sup> Cf. EMBRAPA (2022b).

<sup>16</sup> Cf. AGEITEC (2022), EMBRAPA (2022a).

*Caatinga* : (du tupi « ka'a tinga », blanche forêt) écosystème du Nordeste du Brésil, où prédomine une végétation adaptée aux climats arides et composée de cactus, de buissons et de diverses herbes saisonnières.[...]

*Catingueira* (*Caesalpinia pyramidalis*) : arbre aux branches fines de la famille des fabacées. Ses fleurs, jaune et parfumées, ses feuilles et ses graines possèdent de nombreuses vertus médicinales.<sup>17</sup> (DOSSE, 2014, p. 159-160).

Originado no Tupi, com o significado provável de “mato branco” ou “vegetação clara”, o nome *ka'a tinga* foi assimilado pelo português brasileiro. Já o nome vernacular da *Caesalpinia pyramidalis*, a Catingueira, se refere à classificação científica, em latim, do bioma cujo nome em Tupi foi derivado da palavra “Caatinga”. A escolha de trazer, dentro do glossário em francês, os termos “caatinga” e “catingueira”, assim como sua classificação científica em latim, permite despertar “redes significantes subjacentes” (BERMAN, 2013, p.78) que, de alguma maneira, já estavam presentes e latentes no texto original.

Além disso, glossário recorre aos nomes científicos do sistema binominal de Linnaeus, permitindo que se identifique as espécies em bases de dados que catalogam elementos da fauna e flora brasileiras:

*Macambira* (*Bromelia laciniosa*) : plante épineuse de la famille des broméliacées. Présente dans tout le nord-est du Brésil, elle peut servir de nourriture au bétail.

*Mucunã*: nom commun qui désigne plusieurs espèces de la famille des fabacées (ou légumineuses).

*Preá* (*Cavia aperea*): petit rongeur comestible présent dans toute l'Amérique du Sud. Apparenté aux cobayes.

*Sucupira* (*Pterodon emarginatus*): arbre de la famille des fabacées. Son bois très dur est utilisé en construction. Ce arbre possède également de nombreuses vertus médicinales.<sup>18</sup> (DOSSE, 2014, p. 160-161).

---

<sup>17</sup> “*Caatinga*: (do tupi ‘ka'a tinga’, mata branca) ecossistema do nordeste brasileiro, dominado por uma vegetação adaptada a climas áridos, composta por cactos, arbustos e diversas gramíneas sazonais [...].

*Catingueira* (*Caesalpinia pyramidalis*): árvore com galhos finos da família Fabaceae. Suas flores amarelas perfumadas, folhas e sementes têm muitas propriedades medicinais.” (DOSSE, 2014, p. 159-160, tradução nossa).

<sup>18</sup> “*Macambira* (*Bromelia laciniosa*): planta espinhosa da família Bromeliaceae. Encontrada em todo o nordeste do Brasil, pode ser usada como alimento para o gado.

*Mucunã*: nome comum de várias espécies da família das fabáceas (ou leguminosas).

*Preá* (*Cavia aperea*): pequeno roedor comestível encontrado em toda a América do Sul. Parente do porquinho-da-índia.

*Sucupira* (*Pterodon emarginatus*): árvore da família Fabaceae. Sua madeira muito dura é usada na construção. Essa árvore também tem muitas propriedades medicinais.” (DOSSE, 2014, p. 160-161, tradução nossa).



O sistema binominal de Linnaeus é um sistema de nomenclatura internacional, utilizado para descrever espécies dentro de um padrão internacional, onde encontramos referências a espécies de fauna e flora – de vida. Os nomes escolhidos para essas espécies estão em diferentes línguas, como latim, árabe e grego, e muitas vezes foram escolhidos para homenagear pessoas, pesquisadores/as envolvidos com descobertas científicas. A apresentação dos nomes vernaculares permite ao leitor ou leitora, através de sistemas de classificação reconhecidos em diferentes espaços linguísticos e culturais, identificar famílias, subfamílias, gêneros e espécies de animais e plantas que constituem o sertão brasileiro. Isso está de acordo com um dos traços característicos da editora Chandeigne: sua especialização nos estudos geográficos e sobre o mundo lusófono, incluindo neste mundo o Brasil.

Muito próximo do que ocorre em *Diadorim*, essas escolhas podem enriquecer o universo literário e ficcional de *Vidas Secas*, uma vez que conduzem a leitura para determinadas interpretações. Ao selecionar, preservar, generalizar, especificar, acrescentar e destacar no texto elementos “culturais” – como botânicos, geográficos, históricos e etimológicos – a tradução transformou o texto de Graciliano Ramos em algo atraente para um público que busque se informar sobre referências do original, incluindo leitores/as falantes de francês e do português brasileiro.

### Considerações finais

Apesar das duas décadas que as separam, as duas traduções francesas que formam nosso objeto de estudo são semelhantes no que diz respeito ao nível de detalhes e complexidade dos seus glossários. Apresentam informações abrangentes, fruto de pesquisa aparentemente aprofundada dos seus tradutores e editores. Segundo a tipologia de glossários proposta por Sträter (2019), seria mais eficaz defini-las como pertencentes ao segundo tipo:

- [...] aquele cuja tradução filológica se caracteriza por ser mais extensa nas suas notas, comentários e glossários, mais pormenorizada nas explicações, [e que] consegue emoldurar o verbete num contexto mais complexo. (STRÄTER, 2019, p. 14).

A tradução de *Vies Arides* de Mathieu Dosse (2014) apresenta os nomes científicos, em latim, das plantas pertencentes ao bioma sertanejo nordestino, assim como seus nomes na língua Tupi.

Combinadas com pesquisas na base de dados Linæus, essas referências se tornam, de certa maneira, ao mesmo tempo “particulares” e “universais”. As escolhas de Mathieu Dosse e de seus editores/as permitem despertar redes de conceitos que já estavam interligados na obra original em português (1938), o que está em concordância com o fato de sua tradução ter sido publicada por uma editora especializada em estudos geográficos sobre países lusófonos, entre eles o Brasil.

A tradução de *Grande Sertão: Veredas* por Lapouge-Pettorelli (1991) é uma retradução, feita vinte e seis anos após a primeira tradução de Villard (1965). Esta tendia, aparentemente, a uma estratégia que adaptasse a obra a critérios de “normalização” pré-definidos pela editora, e não possuía glossário. A retradução pela editora Albin Michel apresenta um formato híbrido, composto do que Venuti (2021) qualificaria como “domesticação” em relação a escolhas como a sonoridade de palavras, e de “estrangeirização” no que concerne ao tratamento, no glossário, daquilo que Aixelá (2013) descreve como “itens culturais específicos”. Nesta edição de *Diadorim*, a tradutora não só oferece informações sobre o original de Guimarães Rosa, com contextualizações de conceitos em seu glossário, mas segue conselhos de tradução do próprio autor, encontrados em suas correspondências com outros tradutores. Apresenta em seu glossário, entre outros, fatos históricos que não constavam no original e que julgou relevantes para o público-leitor.

Essas constatações nos lembram que traduções não se fazem em uma esfera à parte da sociedade. Que elas são, além de literatura, produtos de suas épocas – e que antes de serem acessadas pelo público, as escolhas dos tradutores, suas interpretações sempre valiosas e complementares à obra original, passam pelo aval de suas editoras.

Nosso estudo sobre glossários em traduções nos permitiu, além disso, questionar fronteiras entre “domesticação” e “estrangeirização”, revelando o caráter valioso da interpretação de todos os envolvidos/as no processo de sua elaboração, assim como o caráter “vivo” de suas línguas. Ele favoreceu uma aproximação entre todos esses e essas agentes de diferentes contextos, a partir da revelação de “redes” de conceitos e significados comuns. O glossário é realmente um exemplo de “metalinguagem”, como o queria Genette (2009), e permite enriquecer a “capacidade expressiva” (Humboldt, 2010) das línguas colocadas em relação através de traduções. No século XXI, com o contexto político (no Brasil, na França e no mundo) de crescimento de movimentos contra a vida, e

com a crescente invasão da tecnologia e da mídia na vida de pessoas, parece essencial que sejam realizados mais estudos que nos permitam nos aprofundar sobre, e melhor reconhecer a existência dessas redes humanas.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: ...
Contribuições dos autores: Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: REZENDE, Alice Soldan.  Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: LIMA, Kamila Moreira de Oliveira de.  Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: MARCELINO, João Gabriel Carvalho.

## Referências

AGEITEC. Árvore do Conhecimento. *Bioma Caatinga*. Brasília – DF: EMBRAPA, 2022. Disponível em: [https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/bioma\\_caatinga/arvore/CONT000fxt42i5k02wyiv804u7ypcvybctq.html](https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/bioma_caatinga/arvore/CONT000fxt42i5k02wyiv804u7ypcvybctq.html). Acesso em: 18 jan. 2022.

AGUIAR, Márcia Valéria Martinez de. *Traduzir é muito perigoso: as duas versões francesas de Grande sertão: veredas: historicidade e ritmo*. 2010. 231f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AIXELÁ, Javier Franco. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ALBARIC-LÉVY, Elsa. Éléments pluriels d'une « unité opérable1 » : les préfaces des traducteurs de Pompey the Little. *Palimpsestes*, Paris, n. 31, p. 116-132, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/2843>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ASSUNÇÃO, Célia Davi de. *Ampliação vocabular: glossário de textos do livro didático de língua portuguesa “Vontade de saber português” do 9º ano*. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado Profissional

em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 3. ed. New York: Routledge, 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Síntese dos Padrões Monetários Brasileiros*. Brasília – DF: BCB, 2007. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

CARNEIRO, Teresa Dias. Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 19, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=25577@1>. Acesso em 10 fev. 2022.

CHANDEIGNE. *Notre maison*. Éditions Chandeigne, Paris, 2021. Disponível em: <https://editionschandeigne.fr/notre-maison/>. Acesso em: 20 set. 2022.

DOSSE, Mathieu. Glossaire. In: RAMOS, Graciliano. *Vies Arides*. Traduit par Mathieu Dosse. Paris: Chandeigne, 2014. p. 159-161.

EMBRAPA. *Contando Ciência na Web*. Bioma Caatinga. Brasília – DF: EMBRAPA, 2022a. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/bioma-caatinga>. Acesso em: 18 jan. 2022.

EMBRAPA. *Contando Ciência na Web*. Região Nordeste. Brasília – DF: EMBRAPA, 2022b. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/regiao-nordeste>. Acesso em: 18 jan. 2022.

FAYE, Olivier; BEUVE-MÉRY, Alain. Albin Michel, vitrine de la droitisation de la société française. *Le Monde*. Paris, 15 out. 2016. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/politique/article/2016/10/15/albin-michel-vitrine-de-la-droitisation-de-la-societe-francaise\\_5014207\\_823448.html](https://www.lemonde.fr/politique/article/2016/10/15/albin-michel-vitrine-de-la-droitisation-de-la-societe-francaise_5014207_823448.html). Acesso em: 3 mar. 2023.

FONSECA, Maria Gabriella Flores Severo. *Paratextos de edições brasileiras do Quixote*. 2017. 361 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. Tradução de Fabrício Coelho. In: HEIDERMAN, Werner L. (org.). *Antologia Bilingue: Clássicos da teoria da tradução, Alemão-Português*. 2. ed. v. 1. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 235-249.

GARY, Nicolas. Justice: contrat rompu entre zemmour et albin michel, les auteurs en péril? *Les Univers Du Livre: Actualité*. Paris, 7 jul. 2021. Disponível em: <https://actualitte.com/article/101294/droit-justice/justice-contrat-rompu-entre-zemmour-et-albin-michel-les-auteurs-en-peril>. Acesso em: 4 mar. 2023.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GILMORE, John T. Taking a latitude: William Hay's translations and imitations of Martial. *Palimpsestes*, Paris, n. 31, p. 90-103, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/2732>. Acesso em: 5 fev. 2024.

GUERINI, Andréia; MANZATO, Elena. Glossário em traduções literárias: Jorge Amado em italiano. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 87-110, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/22000>. Acesso em: 3 mar. 2022.

HERSANT, Patrick. Portraits du traducteur en préfacier. *Palimpsestes*, Paris, n. 31, p. 17-26, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/2552>. Acesso em: 5 fev. 2024.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Introdução a Agamêmnon. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner L. (org.). *Antologia Bilingue: Clássicos da teoria da tradução, Alemão-Português*. 2. ed. v. 1. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 105-117.

LAPOUGE-PETTORELLI, Maryvonne. Glossaire. In: ROSA, João Guimarães. *Diadorim*. Traduit par Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Albin Michel, 1991. p. 627-629.

LETAWE, Céline. Quand le traducteur-préfacier parle de traduction. Fonctions d'un discours entre préface allographe et préface auctoriale. *Palimpsestes*, Paris, n. 31, p. 37-48, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/2583>. Acesso em: 5 fev. 2024.

MEDEIROS, Vanise. Memória e singularidade no gesto do escritor-lexicógrafo. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 46, p. 143-156, 2014. Disponível em: <https://confluencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/13>. Acesso em: 5 fev. 2020.

PISETTA, Lenita Maria Rimoli. O lado menos conhecido da história da primeira tradução de *Grande sertão: veredas* para o inglês. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1288-1309, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8659336>. Acesso em: 18 mar. 2022.

RAMOS, Graciliano. *Vies Arides*. Traduit par Mathieu Dosse. Paris: Chandeigne, 2014.

ROSA, João Guimarães. *Diadorim*. Traduit par Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Albin Michel, 1991.

STRÄTER, Thomas. Miséria e esplendor dos glossários nas traduções da literatura brasileira para o alemão. In: VEJMEJKA, Marcel; STRÄTER, Thomas (ed.). *Santa Barbara Portuguese Studies: Theory and Practice of Translation in the Portuguese Speaking World*. v. 3. Santa Barbara: University of California Santa Barbara, 2019. Disponível em: [https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/05\\_Thomas.pdf](https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/05_Thomas.pdf). Acesso em: 10 fev. 2022.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Método de análise e crítica de tradução de Antoine Berman: Autorresenha do seu livro *Por uma crítica da tradução: John Donne. Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 30, 2021, p. 191-213. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_trad.php?strSecao=article\\_sp&fas=53140&numfas=11&nrseqcon=53001&NrSecao=11](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=53140&numfas=11&nrseqcon=53001&NrSecao=11). Acesso em : 4 abr. 2022.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil Literário: paratexto e discurso de acompanhamento*. Tubarão: Copiart, 2011.

TORRES, Marie-Hélène Catherine; FREITAS, Luana Ferreira de. Brazil in the World Map of Translation: The French Case. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. 2, p. 65-76, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n2p65>. Acesso em: 12 jan. 2022.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Unesp, 2021.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Unesp, 2019.

ZARE-BEHTASH, Esmail; FIROOZKOOHI, Sepideh. A Diachronic Study of Domestication and Foreignization Strategies of Culture-Specific Items: In English-Persian Translations of Six of Hemingway's Works. *World Applied Sciences Journal*, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1576-1582, 2009. Disponível em: [https://www.idosi.org/wasj/wasj7\(12\)/19.pdf](https://www.idosi.org/wasj/wasj7(12)/19.pdf). Acesso em: 5 maio 2023.